



# PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 031

**CRISES DE HEGEMONIA E GLOBALIZAÇÃO  
NA NOVA ORDEM MUNDIAL**

**David Ferreira Carvalho**

**Belém, Dezembro de 1994**

**O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)** é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

**Papers do NAEA - Papers do NAEA** - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



## **Universidade Federal do Pará**

### **Reitor**

Marcos Ximenes Ponte

### **Vice-reitor**

Zélia Amador de Deus

## **Núcleo de Altos Estudos Amazônicos**

### **Diretor**

Francisco de Assis Costa

### **Diretor Adjunto**

Tereza Ximenes Ponte

## **Conselho editorial do NAEA**

Edna Ramos de Castro

Francisco de Assis Costa

Indio Campos

Marília Emmi

## **Setor de Editoração**

E-mail: [editora\\_anae@ufpa.br](mailto:editora_anae@ufpa.br)

Papers do NAEA: [Papers\\_anae@ufpa.br](mailto:Papers_anae@ufpa.br)

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 031

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

# CRISES DE HEGEMONIA E GLOBALIZAÇÃO NA NOVA ORDEM MUNDIAL

---

*David Ferreira Carvalho*

## **Resumo:**

O presente trabalho restringe-se a discutir os problemas relativos à atual crise de hegemonia e dos seus efeitos sobre as economias periféricas, em particular o caso do Brasil. Neste sentido, o objetivo deste primeiro ensaio sobre o tema limita-se a captar e analisar os momentos lógicos e históricos da crise de hegemonia dos EUA no capitalismo contemporâneo. O trabalho foi organizado em cinco itens. No primeiro se tenta, sucintamente, analisar os momentos históricos de constituição, auge e decadência da hegemonia inglesa. No segundo e terceiro item, analisa-se o período de transição da hegemonia e as dificuldades institucionais e monetárias para a emergência de uma nova nação hegemônica – os EUA. No quarto item, discutem-se os macroproblemas do acordo de Bretton Woods e a transnacionalização do padrão industrial fordista norte-americano para o resto do mundo. Finalmente, no quinto item, analisa-se a fase de crise e recuperação da hegemonia econômica dos EUA num ambiente de intensa globalização mundial.

**Palavras-chave:** Hegemonia. EUA. Bretton Woods. Globalização. Nova Ordem Mundial.

## 1. Introdução

Mais recentemente, passou-se a discutir os problemas relativos as novas relações internacionais que estão em formação desde a crise econômica que abalou a hegemonia dos EUA. A partir daí, emergiu uma nova macroeconomia política mundial, ou simplesmente macroeconomia aberta, que passou a realizar novos cenários sobre o futuro da nova ordem mundial em formação.

Dentre os principais temas abordados por este ramo da macroeconomia, citam-se:(1)os problemas da crise da hegemonia norte-americana;(2)os problemas do neo-protecionismo e de criação de um novo sistema de tarifas e comércio a nível internacional, discutido nas rodadas do GATT;(3)o problema da formação institucional dos macro-mercados(NAFTA, do anel do pacífico e do CEE);(4)o problema da nova ordem monetária;(5)o problema dos efeitos da terceira revolução tecnológica;(6)e o problema político-militar dessa nova ordem mundial, após o fim do sistema sócio-político da URSS.

Deste conjunto de temas, restringe-se o presente trabalho aos problemas relativos a atual crise de hegemonia e dos seus efeitos sobre as economias periféricas, em particular o caso do Brasil. Neste sentido, o objetivo deste primeiro ensaio sobre o este tema limita-se a captar e analisar os momentos lógicos e históricos da crise de hegemonia dos EUA no capitalismo contemporâneo. Pretende-se, num segundo ensaio, refletir sobre os impactos dessa crise de hegemonia sobre a Amazônia.

Cabe observar, desde logo, que o termo hegemonia, em geral, é entendido no sentido de preponderância, domínio e superioridade. Mas, no âmbito da macroeconomia política, um Estado-Nacional se torna hegemônico no contexto mundial, quando, após um longo processo histórico de transnacionalização das suas empresas produtivas, comerciais e financeiras, consegue impor às demais nações concorrentes, através de várias ações internacionalistas, a sua preponderância no plano econômico, político, militar, tecnológico, comercial e financeiro, de forma a permitir, via a institucionalização mundial de um sistema monetário universal, uma nova e complexa rede de múltiplas relações internacionais, com um maior ou menor grau de aceitação por parte das demais nações concorrentes, de forma a conformar a hierarquização de uma nova "ordem mundial".

Visto assim, o problema da crise de um país hegemônico, como os EUA, acaba atingindo o resto da comunidade internacional. Daí o porque do interesse do autor por este tema, já que a crise de hegemonia dos Estados Unidos, como o resultado da própria crise atual do capitalismo contemporâneo, acaba afetando a periferia em geral e, em particular, o Brasil.

Para abordar este tema, o trabalho foi organizado em cinco itens. No primeiro se tenta, sucintamente, analisar os momentos históricos de constituição, auge e decadência da hegemonia inglesa. No segundo item, analisa-se o período de transição da hegemonia e as dificuldades institucionais e monetárias para a emergência de uma nova nação hegemônica - os EUA. No quarto item, discutem-se os macroproblemas do acordo de Bretton Woods e a transnacionalização do padrão

industrial fordista norte-americano para o resto do mundo. Finalmente, no quinto item, analisa-se a fase de crise e recuperação da hegemonia econômica dos EUA num ambiente de intensa globalização mundial.

## **2. A Hegemonia Inglesa e a Ordem Internacional no Capitalismo Concorrencial**

### **2.1. Constituição e Auge da Hegemonia Inglesa**

O capitalismo inglês, além de originário, é um caso singular, pois a primeira revolução industrial na Inglaterra não só significou o pleno desenvolvimento da indústria têxtil, como também marcou, pela primeira vez na história, a plena constituição do modo de produção especificamente capitalista. De fato, da acumulação primitiva que deu origem as relações sociais de produção capitalista, com base no assalariamento, seguiu-se a fase da acumulação capitalista, com o desenvolvimento das forças produtivas de base artesanal familiar e manufatureira avançando até o desenvolvimento das forças produtivas capitalista que vem culminar com a emergência do departamento produtor de bens de produção(D1).<sup>1</sup>

Não cabe descrever o caráter globalizante das transformações econômicas, tecnológicas, políticas e sociais em que se deu o penoso processo histórico de formação do capital industrial na Inglaterra.<sup>2</sup> Há que se perceber, contudo, que a pioneira revolução industrial inglesa foi liderada pela indústria têxtil que, além de promover um rápido processo de urbanização, com os seus desdobramentos positivos sobre a indústria de construção civil, gerou fortes impulsos indiretos, enquanto núcleo estratégico do departamento de bens de consumo(D2), para que se diferenciasse o departamento produtor de bens de produção(D1).

Na verdade, os setores do D1 da economia inglesa, apesar de manterem intensas relações técnicas intradepartamentais e mesmo ligações interdepartamentais com o D2, não foram capazes, pelo menos na primeira fase da industrialização inglesa, de assumir a posição de liderança no crescimento econômico.

Não obstante, findo o processo desta fase pioneira da revolução industrial inglesa, a partir da década de 30 do século XIX, o capitalismo inglês, contando com um amplo e integrado aparelho industrial, pôde ingressar no "ciclo industrial ferroviário", quando então o departamento produtor de

---

<sup>1</sup> Ver Marx, Karl. **O Capital(Crítica a Economia Política)**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. Livro 1, Vol-1, cap. XI a XIII. Ver Dobb, Maurice. **A Evolução do Capitalismo**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976. p. 156-218. Ver, ainda, Landes, David S. **Progresso Tecnológico y Revolucion Industrial**. Madrid, Tecnos, 1979. p. 100-140.

<sup>2</sup> Ver a esse respeito Hobsbawm, Eric J. **A Era das Revoluções:1789-1848**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p. 43-79.

meios de produção passou a liderar o novo ciclo de crescimento econômico, e assim tornar-se uma realidade histórica não só para a Inglaterra, mas, também, para o resto do mundo.<sup>3</sup>

De fato, com o ciclo da construção ferroviária, além da posição de liderança econômica assumido pelo capital industrial inglês, profundas transformações econômicas e políticas são gestadas na economia mundial cujo desfecho implicou na afirmação definitiva da **HEGEMONIA** do capitalismo britânico já que ele foi capaz de articular, sob o seu comando, os interesses dos vários Estados Nacionais.

Com as profundas transformações no nível da economia mundial, provocadas pelo impacto da indústria inglesa, iniciava-se a etapa histórica de consolidação do capitalismo concorrencial que vai, grosso modo, de 1830 a 1890. De qualquer maneira, o poderio militar da marinha inglesa, a pujança da sua indústria manufatureira, o controle do comércio internacional e a força da libra esterlina, enquanto moeda universal, asseguravam a Grã-Bretanha uma Hegemonia absoluta entre as nações.

É nesse período que se dá também o processo da **Industrialização Retardatória** com a implantação da grande indústria em alguns países dos continentes europeu(França e Alemanha)e norte-americano(EUA).

A especificidade da **Industrialização Retardatória** é determinada tanto pelo momento histórico em que ela se realiza - etapa concorrencial do capitalismo mundial - quanto pela pretérita estrutura econômica pré-industrial que antecede o novo processo de constituição da **Industrialização Retardatória** em cada País.<sup>4</sup>Cabe explicar, porém, que o processo de industrialização dos países de **Capitalismo Retardatório** ocorre em duas "ondas", a saber: (1) Na primeira - que vai de 1840 a 1870 - industrializam-se a França, Alemanha e os EUA; e na segunda, após 1870, a Itália, Rússia e Japão, dentre os mais importantes.

Nesse longo período, a adoção pela comunidade internacional da política de comércio exterior de livre cambismo, sob a liderança Inglaterra, contribuiu para que o ciclo expansivo do capitalismo inglês pudesse impulsionar as economias atrasadas desses países de industrialização retardatória.

Esse "livre cambismo", diga-se de passagem, não se limitava apenas a combater os entraves tarifários ao livre comércio de mercadorias, mas, fundamentalmente, empenhava-se na liberação a nível internacional dos fluxos de capitais e dos movimentos migratórios de força de trabalho.

---

<sup>3</sup> Ver, também, Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de. **O Processo de Industrialização:Do Capitalismo Originário ao Atrasado**. Campinas, IE/UNICAMP, 1985. p. 118-126. (Tese de Doutorado).

<sup>4</sup> Certamente que os países periféricos, em vias de industrialização, podiam tirar duas vantagens do livre comércio:(1)da própria expansão geral do comércio mundial que, de certo modo, beneficiava a todos os países atrasados, embora beneficiasse muito mais a Inglaterra; (2)desse "livre comércio" os países em vias de desenvolvimento, também, se beneficiavam da vantagem de poder utilizar modernas máquinas e equipamentos, fontes de empréstimos e financiamentos e do próprio Know-How da indústria inglesa. Ver sobre esse tema os interessantes comentários de Hobsbawm, Eric J. **A Era do Capital:1848-1875**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p. 56-66. Ver, também, Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de op. cit. p. 126-136.

A nova ordem internacional estabelecida, portanto, se configurava num novo padrão de especialização dos países em diferentes setores produtivos, comerciais, financeiros e monetários. Pelo lado comercial, elevam-se os fluxos de importação e exportação dos países periféricos e alteram-se as pautas e direções do comércio exterior britânico. No rol das exportações, os bens de capital - ferro, carvão e máquinas - ganham importância em relação aos produtos têxteis e demais bens de consumo.<sup>5</sup>

Essa nova situação altera a direção das exportações de capitais britânicos que passam não só a se orientar para os EUA e países europeus, como cada vez mais esses países vão assumindo a posição de principais parceiros comerciais dos ingleses relegando a um segundo plano os países da América Latina e de outras áreas atrasadas<sup>6</sup>. De qualquer maneira, o poderoso aparelho industrial inglês permitia que a Inglaterra aparecesse como nação monopolista no mercado mundial e, por isso mesmo, podia "dispensar" o protecionismo já que nenhuma nação do mundo estava apta a concorrer com produtos industriais no mercado nacional inglês.

Essas relações comerciais dos países em vias desenvolvimento com a Grã-Bretanha, ainda assim, não necessariamente funcionavam como barreiras a industrialização desses países. Na verdade, naquele países capitalistas atrasados, onde as condições econômicas internas se apresentavam maduras a industrialização, a manutenção das relações comerciais com a Grã-Bretanha, permitia a importação de máquinas, capitais e tecnologia em condições vantajosas - o que podia até mesmo acelerar a industrialização dessas nações de capitalismo retardatário.

É exatamente esta articulação de interesses entre essas nações que explica a crescente força dos partidários do "livre cambismo" que desejavam acelerar o processo de industrialização em seus países.

De fato, é a possibilidade sempre presente do capital industrial das nações atrasadas de poder enfrentar a concorrência dos produtos ingleses - após a difícil superação interna de suas dificuldades econômicas, técnicas e financeiras iniciais rumo a industrialização - que justifica a **complementaridade restrita** do comércio mundial entre a Inglaterra e os países em vias de desenvolvimento no século XIX. Não é à-toa que alguns países em vias de desenvolvimento desse século, embora não advogassem o protecionismo geral, reivindicavam o protecionismo seletivo para as suas indústrias nascentes.<sup>7</sup>

Essa dinâmica das relações internacionais, ao permitir a criação de novos mercados para os serviços prestados pelos ingleses, facilitava que o sistema bancário inglês pudesse emprestar e

---

<sup>5</sup> Ver Hobsbawm, Eric J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro, Forense-Universitário, 1978. p. 101-102. Ver, ainda, Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de. op. cit. p. 125-130.

<sup>6</sup> Ver Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de. op. cit. p. 132-136.

<sup>7</sup> Por "Complementaridade Restrita" deve ser entendido esse padrão de comércio entre os países de capitalismo atrasado e a Inglaterra nessa época. Ver Mello, J. M. Cardoso. **Capitalismo Tardio**. São Paulo, brasiliense, 1982. p. 49.

financiar o comércio internacional com o respaldo da forte libra esterlina que se tornara moeda universal.<sup>8</sup>

Nesse ambiente de livre concorrência, o capitalismo inglês propagava seu dinamismo ao mercado mundial nesse duplo movimento em que, de um lado, a acumulação de capitais na Inglaterra resultava em crescente demanda para importações de produtos primários e, de outro, o poder de compra gerado no resto do mundo garantia que expressiva parcela da produção industrial inglesa pudesse ser exportada.

Mais ainda, as importações inglesas abriam novas possibilidades de investimento para os capitais britânicos que eram viabilizados pelos superávits das contas externas e pelo excedente financeiro acumulado pelos ingleses. Cabe assinalar, entretanto, que apesar da posição hegemônica da Inglaterra, a dinâmica do mercado mundial capitalista não era determinada de forma unilateral, já que não só o comércio inglês dependia da capacidade de exportação e importação dos seus parceiros, como os movimentos internacionais dos capitais ingleses estavam sujeitos as condições da organização das economias nacionais do resto do mundo para que se tornassem economicamente rentáveis aos investimentos britânicos.<sup>9</sup>

Como se vê, a nova ordem internacional estabelecida não é explicada apenas pelos mecanismos do liberalismo econômico, mas também pela articulação dos interesses das economias atrasadas, promovida pelo capitalismo inglês, através da qual o dinamismo da economia britânica era difundido ao resto do mundo. Assim, os EUA e os países europeus, particularmente França, Alemanha e EUA, apesar de não serem hegemônicos, não se mantinham subordinados à Inglaterra e podiam mesmo competir com ela.<sup>10</sup> Mesmo assim, esse **Aequilibrium Britânico** funcionava graças ao desejo da Inglaterra de manter mercados abertos e de conceder aos demais países o acesso aos recursos financeiros da City de Londres que, através da forte libra esterlina, garantia a estabilidade monetária internacional.<sup>11</sup>

Com estas características, a nova ordem internacional, nessa fase do capitalismo concorrencial, pôde não só estimular o desenvolvimento de certas economias agroexportadoras - como

---

<sup>8</sup> Cabe observar que, antes das guerras napoleônicas, não havia, por assim dizer, uma economia mundial integrada e cooperativa, mas apenas blocos mercantilistas isolados e rivais. Essa anarquia econômica internacional foi moderada pela presença do **Aequilibrium Britannicum** que permitiu a anatomia do comércio internacional passasse a ser determinada pela hegemonia britânica na indústria, navegação e finanças. Ver a esse respeito os comentários de Moffitt, Michael. **O Dinheiro do Mundo: De Bretton Woods à beira da Insolvência**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984. p. 16. Ver, ainda, os fundamentos de Oliveira, Carlos Alonso Barbosa. op. cit. p. 132-136.

<sup>9</sup> Idem. p. 139-140.

<sup>10</sup> Ver a esse respeito a análise de Hobsbawm, Eric J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. op. cit. p. 124-129.

<sup>11</sup> A expressão **Aequilibrium Britannicum**, cunhada por Eric Roll, traduz o significado da estabilidade do comércio internacional proporcionado pela supremacia econômica inglesa. Ver Roll, Eric. *International Capital Movements: Past, present, future*. "Paper" apresentado na Conferência Per Jacobssen, 26/09/1971.



no caso da América Latina - como também contribuir para impulsionar a industrialização dos EUA, Alemanha e França.<sup>12</sup>

Certamente os múltiplos impactos da "**Mania Ferroviária**" contribuíram para o deslanche do processo de industrialização retardatária desses países atrasados. Como se sabe, além da unificação dos mercados nacionais, da redução dos fretes, da valorização das regiões agrícolas, do aumento do número de empregos e salários, o principal impacto da indústria de construção ferroviária foi, sem dúvida, a ampliação dos mercados de meios de produção.<sup>13</sup>

Assim, as indústrias pesadas de metalurgia, mineração e mecânica passaram não só a contar com uma crescente e concentrada demanda de bens de capital, como a própria ferrovia se encarregava de transportá-los. Mas, como é evidente, a construção ferroviária, por si só, não explica o avanço da industrialização retardatária, como pode ser confirmado pelo fato de vários países terem construído ferrovias sem que isto chegasse a revolucionar suas estruturas produtivas.

Na verdade, não menos importante para os EUA, Alemanha e França foram os avanços prévios da acumulação de capitais, das técnicas manufactureiras, da divisão social do trabalho, dentre outros, que permitiram que a estrutura produtiva desses países, diante da intensa construção ferroviária, reagisse incorporando os "métodos ingleses" de produção de bens de produção. Essa transferência tecnológica foi possível tanto pela relativa simplicidade das técnicas utilizadas, cuja difusão a partir da Inglaterra se fazia através dos trabalhadores migrantes, quanto pelo passado manufatureiro desses países que gestaram os operários especializados com capacidade técnica suficiente para absorver a tecnologia da primeira revolução industrial.<sup>14</sup>

É essa dimensão do capitalismo concorrencial, caracterizada pela impossibilidade do controle monopólico da tecnologia, que explica, em parte, porque os países atrasados dessa época puderam criar uma estrutura produtiva tecnicamente semelhante a da Inglaterra. Mas, enquanto na Grã-Bretanha a indústria de bens de consumo toma a dianteira no processo de industrialização originária; nos países de industrialização retardatária é a indústria de bens de produção que lidera o crescimento econômico e arrasta consigo a expansão da indústria de bens de consumo.<sup>15</sup>

Os países de capitalismo retardatários, por outro lado, tiveram que se defrontar com o complexo problema da **centralização de capitais** para financiar o bloco de investimentos da indústria pesada. Isto porque, no caso inglês, o padrão de financiamento dos investimentos do "**ciclo**

---

<sup>12</sup> Ver Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de. op. cit. p. 140. Ver, também, Cano, Wilson. **As Raízes da Concentração Industrial de São Paulo**. São Paulo, T. Q. Queiroz, 1981. p. 42-140. Ver, ainda, Mello, J. M. Cardoso de. **O Capitalismo Tardio**. op. cit. p. 90-122.

<sup>13</sup> Ver Hobsbawm, Eric J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. op. cit. 107-110.

<sup>14</sup> Ver Landes, David S. **The Unbound Prometheus**. Londres, 1975. p. 150-153. Ver, ainda, Lange, David S. **Progreso Tecnológico y Revolucion Industrial**. op. cit. p. 165-170.

<sup>15</sup> Ver Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de. op. cit. p. 155-161. Ver, ainda, Landes, David S. **Progreso Tecnológico y Revolucion Industrial**. op. cit. p. 165-170.

**ferroviário**" resultou do desdobramento natural dos "fundos próprios" dos múltiplos e pequenos capitais individuais já existentes; enquanto, no caso dos países atrasados, a constituição do padrão de financiamento dos investimentos do núcleo da indústria pesada contou com a ação decisiva do Estado Moderno <sup>16</sup>.

Há que se observar, ainda, que os mesmos fatores determinantes - tecnologia pouco complexa, escala de produção relativamente reduzida e baixo grau de centralização de capitais - que permitiram o surgimento dos novos capitais industriais nacionais foram também os mesmos que impulsionaram à adoção, pelos países atrasados, do livre comércio fundado num sistema de "**complementaridade restrita**"<sup>17</sup>.

## II. 2. Concorrência e Crise da Hegemonia Inglesa

Com a industrialização dos países capitalistas retardatários da primeira "onda" - particularmente os EUA, Alemanha e França - o monopólio da indústria inglesa pôde ser rompido. Na verdade, esse rompimento sinalizava que, na nova etapa do capitalismo mundial que se seguiria após 1870, iria se acirrar ainda mais a concorrência entre os grandes capitais nacionais a nível mundial.

De fato, com a Inglaterra perdendo a exclusividade do monopólio da produção industrial, não só a tendência ao livre comércio no mercado mundial passou a ser substituída por um forte protecionismo, como a "livre concorrência" entre os países capitalistas vai dando lugar a um rápido e organizado processo de concentração e centralização de capitais e a emergência da etapa do **capitalismo monopolista** em escala mundial.

---

<sup>16</sup> Naturalmente que, dependendo do país, variava o tipo de instrumento e a própria intensidade de atuação do poder público, mas, de fato, em todos os países onde se deu a industrialização retardatária o Estado se fez presente. Assim, os bancos de investimento, a importação de capitais, a formação de sociedade por ações e o apoio creditício do governo foram os instrumentos mais usados pelos países retardatários para impulsionar a industrialização. Não obstante, sem dúvida o banco de investimento foi essencial não só porque libertou o processo de industrialização da dependência de recursos em mãos dos capitalistas individuais, como também porque permitiu a orientação do crédito às empresas que investiam nas atividades produtivas de ponta da época. Como se vê, as escalas de produção e as necessidades de capitais centralizados não se constituíram em barreiras insuperáveis para que os países atrasados pudessem incorporar as tecnologias pouco complexas em seus principais ramos industriais, reproduzindo, deste modo, a própria estrutura industrial inglesa em suas economias nacionais. Ver Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de. op. cit. 162-166. Ver também Landes, David S. op. cit. p. 213-251.

<sup>17</sup> Essa relação entre a economia inglesa e a dos países de capitalismo retardatário é de complementariedade restrita na medida em que o comércio exterior da Inglaterra, ao mesmo tempo que impulsionava a industrialização dos países atrasados, tendia transformar essa complementariedade em antagonismo. Isto porque, como vimos, a hierarquia que as nações mantinham com a Inglaterra não se configurava em subordinação, já que os países atrasados não só podiam concorrer com a Inglaterra e entre si, como a própria participação deles no mercado mundial impulsionava o desenvolvimento dos diferentes capitais industriais nacionais. Ver Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de. op. cit. p. 167-168.

Mais ainda, simultaneamente, ia se gestando um novo e moderno padrão tecnológico que iria caracterizar a **segunda revolução industrial**<sup>18</sup>. Assim, ao lado da tecnologia do ferro, do carvão e da máquina a vapor da **primeira revolução industrial**, vai sendo gestado um novo padrão tecnológico a partir do aço, da eletricidade, do motor de combustão interna, da indústria química pesada e da indústria elétrica. este novo padrão tecnológico já não era produzido e nem difundido por "**homens práticos**", mas resultava da aplicação racional dos conhecimentos científicos e tecnológicos nos processos produtivos<sup>19</sup>.

Neste contexto, o acirramento da concorrência intercapitalista estreitava mais ainda a relação entre bancos e indústrias e, assim, o crédito de capital passou a ser utilizado como um poderoso instrumento das empresas na "guerra" intercapitalista pela eliminação de concorrentes e para a crescente concentração e centralização de capitais nacionais <sup>20</sup>.

Com a Grande Depressão(1873-1896)a economia mundial entra numa fase de transição entre a etapa do capitalismo concorrencial e a do capitalismo monopolista. Nesta fase, apesar dos avanços dos processos de concentração e centralização de capitais, os monopólios ainda não eram generalizados e as empresas individuais típicas do capitalismo concorrencial ainda se faziam fortemente presentes<sup>21</sup>. Mais ainda, com exceção do aço, o novo padrão tecnológico também não era ainda dominante.

Contudo, pouco a pouco, esse cenário vai mudando para uma estrutura econômica crescentemente oligopólica. Há uma generalização de formação de sociedades por ações - as sociedades anônimas - que logo se tornam a forma dominante de organização empresarial. Ademais, com a segunda revolução industrial, são ampliadas ainda mais as escalas de produção das grandes empresas que assim passaram a se constituir numa poderosa "arma" para a centralização de capitais e a consequente liquidação das pequenas empresas sem o devido suporte financeiro <sup>22</sup>.

A crescente interpenetração entre o capital bancário e o capital industrial, por outro lado, vai permitir que todos os setores industriais passem a ser dominados por grandes empresas, sob o comando do **capital financeiro**. <sup>23</sup>Esse movimento de concentração e centralização de capitais - sob o comando de uma oligarquia financeira - acabou distinguindo o **capital função do capital propriedade**.

Certamente que os vinte anos de baixa atividade e lenta queda dos preços, que caracterizam a Grande Depressão do final do século XIX, provocaram profundas transformações na ordem econômica

---

<sup>18</sup> Ver Hobsbawm, Eric J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. op. cit. p. 101-132. Ver também Landes, David S. **Progresso Tecnológico y Revolucion Industrial**. op. cit. p. 141-212.

<sup>19</sup>Ver Landes, David S. op. cit. 271-351.

<sup>20</sup> Ver Landes, David F. **Unbound Prometheus**. op. cit. p. 323-324.

<sup>21</sup> Ver Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de. op. cit. p. 171-173.

<sup>22</sup> Ver Hobsbawm, Eric J. op. cit. 160-180. Ver também Landes, David S. op. cit. p. 252-314.

<sup>23</sup> Ver a esse respeito a análise de Hilferding, Rudolf. **O Capitalismo Financeiro**. São Paulo, Nova Cultural, 1985. p. 85-99.

capitalista. De fato, não resta dúvida que a Grande Depressão desse século trouxe sérias dificuldades principalmente para as economias dos EUA e Alemanha, tanto pela redução das taxas de crescimento desses países, quanto por lhes impingir recessões mais profundas e duradouras. Entretanto, sem dúvida, a designação histórica do termo "**Grande Depressão**" é particularmente mais adequada à Inglaterra, já que a economia inglesa foi atingida com uma maior intensidade.<sup>24</sup>

Há que se observar, desde logo, que a concorrência dos EUA, Alemanha e França, enquanto potências industriais emergentes, afetou de forma drástica a economia inglesa tanto pela própria perda relativa desses mercados nacionais, outrora cativos da Inglaterra, quanto pela agressiva concorrência que esses países passaram a exercer no mercado mundial de produtos industriais. Além disso, há também o fato da Inglaterra ter realizado investimentos - no ciclo econômico que antecede a "**grande depressão**" - que acabaram ampliando ainda mais a capacidade produtiva da economia inglesa tornando-a apta para abastecer o mercado mundial.<sup>25</sup>

Assim, não só os altos montantes de capitais investidos, como a perda dos seus antigos mercados externos cativos, contribuíram para que a Inglaterra fosse surpreendida por uma crise mais aguda do que a dos outros países. Entretanto, a explicação mais aceita para a perda do dinamismo econômico da indústria britânica - e conseqüentemente para o início da **perda da sua hegemonia** - deve ser procurada no interior da sua própria estrutura econômica, fruto do seu pioneirismo.

Certamente que a Inglaterra achava-se por demais comprometida com a tecnologia e a organização industrial e comercial da primeira fase da industrialização, que lhes haviam servido muito bem, para avançar com entusiasmo e envolver-se no campo das novas e revolucionárias tecnologias e formas de organização industrial que ganharam grande expressão na década de 1870. Deve ainda ser lembrado que o padrão do sistema bancário inglês - especializado no financiamento do comércio internacional e nos empréstimos externos - e a dificuldade de interpenetração do capital bancário com o industrial, de certo modo, bloqueavam a adoção de formas mais modernas de organizações empresariais, a exemplo das sociedades por ações na forma de trustes ou cartéis.<sup>26</sup>

Nesse ambiente, mudar, isto é, passar de um padrão industrial arcaico, e em processo de obsolescência técnica, para um padrão industrial moderno, era caro e difícil. **Era caro**, porque implicava tanto na renúncia de arcaicos investimentos fixos, que ainda podiam render bons lucros, quanto na necessidade de recursos adicionais para realizar os investimentos modernos, de custo inicial ainda mais oneroso. **Era difícil**, porque possivelmente o moderno padrão de organização industrial iria exigir, além da "queima" do imenso capital social fixo, um novo arranjo institucional à racionalização

---

<sup>24</sup> Ver os comentários de Hobsbawm, Eric J. op. cit. p. 117-120.

<sup>25</sup> Ver Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de. op. cit. p. 175.

<sup>26</sup> Idem. p. 175.

das numerosas firmas industriais individuais, provavelmente sob a coordenação e planejamento do Estado, o que certamente era contra a tradição do liberalismo econômico.<sup>27</sup>

Na verdade, para que a economia inglesa pudesse seguir os passos dos seus concorrentes, teria de negar-se a si própria. Nesse caso, seria necessário não só que o capital bancário inglês limitasse suas operações com o exterior e se transformasse em financiador direto da sua própria indústria, como também que o capital industrial realizasse grandes investimentos em setores de ponta, o que implicava em sucatear a velha indústria inglesa, com seus perversos efeitos sócio-econômicos, para que pudesse surgir a grande empresa oligopólica.

Em síntese, era preciso que fosse engendrado um outro processo de desenvolvimento econômico capaz de gerar um novo capital industrial com tendência monopolista. Mas, para isso, o peso da velha riqueza e das velhas instituições inglesas dificultava uma solução histórica para a crise do "**velho capitalismo inglês**".<sup>28</sup>

Com a **decadência da hegemonia inglesa** acirrou-se a concorrência intercapitalista e as disputas entre as nações avançadas fizeram ressurgir as políticas protecionistas. Mais ainda, com o retorno das barreiras ao livre comércio, os Estados Industriais intensificaram suas relações comerciais com os países atrasados, desencadeando uma luta escarniçada pelo controle de áreas estratégicas de influência, que vai dar origem a uma fase de conquista neocolonialista, pela via econômica ou política, de territórios econômicos no mundo até então pouco explorado. Em outras palavras, tem início a fase superior do capitalismo - o **Imperialismo**.<sup>29</sup>

Convém observar, no entanto, que os movimentos internacionais de capitais gradativamente ganharam força, pois os novos Estados Industriais logo começaram a concorrer com a Inglaterra neste campo intensificando ainda mais as exportações de capitais às economias atrasadas. É dentro desse ambiente, de profundas transformações estruturais do capitalismo mundial, que tem início o processo histórico da segunda onda de industrialização retardatária no Japão, Rússia e Itália.

Na fase de industrialização desses países, no limiar do século XIX, o Estado jogou um papel fundamental tanto no financiamento para a incorporação da tecnologia de ponta da época, como no apoio para a constituição do capital monopolista.<sup>30</sup> Com o surgimento de um grupo competidor de potências industriais, estreitam-se ainda mais as relações entre o Estado e o capital privado monopolista e, como consequência, surge uma nova dimensão da política internacional. É sintomático,

---

<sup>27</sup> Ver Hobsbawm, Eric J. op. cit. p. 174.

<sup>28</sup> Ver Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de. op. cit. p. 176-177.

<sup>29</sup> O período da grande depressão gerou também a era do Imperialismo: o imperialismo formal da "partilha da África", o imperialismo semi-formal dos consórcios nacionais ou internacionais, que assumiam a administração financeira dos países pobres, e o imperialismo informal do investimento estrangeiro. Ver a esse respeito Hobsbawm, Eric J. op. cit. p. 121. Ver, também, Lenin V. I. O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo. In: **Obras Escolhidas**. São Paulo, Alfa-Omega, 1979. p. 625-648.

<sup>30</sup> Ver Oliveira, Carlos Alonso Barbosa de. op. cit. p. 184-188.

portanto, que após um longo período de paz, as grandes potências industriais inaugurassem um novo período de guerras de extermínio.

### **3. A Transição para uma Nova Hierarquia de Poder no Capitalismo Mundial**

#### **3.1 A Hegemonia Financeira dos EUA.**

O despontar da I Guerra Mundial, pode-se dizer, demarca o virtual fim da hegemonia inglesa. Durante a Guerra Mundial, a Grã-bretanha resolveu retirar o seu apoio do sistema financeiro internacional vigente, ao desvincular a libra esterlina do ouro. Nesse intervalo, os EUA começam a assumir, com a retração dos empréstimos pela **City de Londres**, o papel de grande credor internacional. Com o fim desse conflito bélico, uma comparação da hierarquia do poder econômico - antes e após a I Guerra Mundial - já mostra um claro deslocamento em favor dos EUA. A Inglaterra, entretanto, também perdera a sua posição econômica de maior produtor industrial do mundo.

Os EUA, por sua vez, tinham se convertido, antes mesmo do conflito bélico, no maior produtor industrial, graças ao seu continental mercado interno, ao seu poderoso parque industrial, as suas imensas riquezas naturais, a vasta extensão de suas ricas terras agricultáveis e a abundante disponibilidade da mão-de-obra oriunda da imigração de trabalhadores europeus. Mesmo assim os EUA, embora possuíssem uma balança comercial favorável, era ainda um País importador de capitais.

Ocorre que, ainda durante a I Guerra Mundial, tanto a França como a Inglaterra, que tinham concedido fartos empréstimos aos seus aliados menores, acabam se envolvendo numa complexa rede de endividamento cujo desfecho leva a Inglaterra, credora da França, a recorrer a um vultoso empréstimo norte-americano contra a garantia do ouro inglês e francês. Como resultado dessa operação, os EUA passaram a ser credores unilaterais, enquanto os demais países europeus ficaram como credores e devedores entre si.<sup>31</sup>

Essa posição deu aos EUA todo o poder do credor, enquanto os países devedores aplicavam a maior parte de suas reservas em dólares na compra de mercadorias norte-americanas. Assim, no imediato pós-guerra, as necessidades de bens agrícolas e industriais para a reconstrução dos países europeus foram amplamente financiadas por créditos dos EUA. Na verdade, esta forma de exportação de riqueza servia para potencializar a riqueza real norte-americana, uma vez que os empréstimos alimentavam a demanda de mercadorias dos EUA e assim contribuía para expandir a capacidade produtiva americana.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Ver a interessante análise de Fano, Ester. "Los Países Capitalistas, Desde La Guerra Mundial Hasta La Crisis de 1929". In: Teló, M. et alli. La Crisis del Capitalismo em Los anos 20. México, P & P, 1981. p. 95-99.

<sup>32</sup> Idem. p. 108-117.

Entretanto, apesar desse poderio americano, essa realidade não se consubstanciava em novas instituições internacionais capazes de preencher o vácuo deixado pela decadência da economia inglesa.

33

De fato, as diversas tentativas de restabelecer novas relações de cooperação comercial e monetária a nível internacional - nas conferências de 1922 (Gênova) e 1933(Londres) - não tiveram o sucesso esperado. Não obstante, depois dos traumas financeiros do final dos anos 20, as principais economias nacionais voltaram-se para os seus mercados internos e a economia mundial, que havia florescido sob o domínio do comércio inglês, desintegra-se em blocos econômicos concorrentes entre si.

Após a estabilização monetária dos anos 20, decorrente da fase de expansão e auge do ciclo econômico induzido pela indústria dos EUA, parecia inaugurar-se um novo período de estabilidade na economia mundial. De fato, até 1929, o sistema internacional criado no pós-guerra funcionou a contento. Mais ainda, nas vésperas do craque de 1929, os EUA não só tinham o maior produto bruto nacional do mundo, como haviam consolidado definitivamente a sua hegemonia financeira.<sup>34</sup>

No entanto, ainda pairavam dois problemas fundamentais de desequilíbrio - um referente a produção-circulação das mercadorias e outro ligado ao circuito monetário-financeiro do sistema internacional da balança de pagamentos - que acabaram precipitando à forte crise financeira de Wall Street, na segunda-feira negra de 29 de outubro de 1929.<sup>35</sup>Na verdade, quando a crise atingiu o seu ponto crítico em 1929, o FED, o Banco Central dos EUA, não tomou nenhuma medida prática para frear a dramática queda dos preços e do nível da produção que, em última instância, era a manifestação causal da depressão. Ao contrário, o "Reserve Federal", aparentemente muito mais preocupado com a possibilidade de uma alta inflação do que com a depressão, e conseqüentemente com o emprego, nada fez para "abortar" a crise.

De fato, os "policy makers", apegados à ortodoxia financeira, nem abriram o mercado interno americano aos produtos estrangeiros, nem facilitaram novos créditos aos países que deles necessitavam para evitar uma contração das suas atividades econômicas. Assim, o FED, ao se recusar de atuar como **Emprestador de Última Instância**, acabou propagando para o resto do mundo uma crise de "**escassez do dólar**" que se manifestava nos demais países pela incessante procura por

---

<sup>33</sup> A ascensão dos EUA, como poder econômico dominante, não coincidiu com o desejo americano de desempenhar a função de nação hegemônica que a Inglaterra tinha exercido no século XIX. Há, nesse período, uma forte disputa entre os grupos políticos nacionalistas - que defendiam os interesses do mercado nacional - e os internacionalistas que lutavam pela abertura da economia americana para o mercado internacional. Ver os comentários de Moffitt, Michael. op. cit. p. 18-19.

<sup>34</sup> Idem. p. 125.

<sup>35</sup> Ver, sobre a crise de 29, Galbraith, John Keneth. **O Colapso da Bolsa**. São Paulo, Pioneira, 1988. p. 79-115. Ver, também, Kindleberger, Charles P. **La Crisis Econômica:1929-1934**. Barcelona, Crítica, 1985. p. 126-174.

dólares via exportações - que implicava numa contração da demanda agregada interna - ou via empréstimos na **Wall Street** - que resultava no agravamento da dívida externa - para sustentar suas atividades econômicas.<sup>36</sup>

Esta crise do sistema monetário-financeiro, como uma das formas de manifestação da crise capitalista, ocultava apenas a verdadeira raiz da crise, isto é, uma superacumulação de capital decorrente da desenfreada e generalizada concorrência entre as várias empresas oligopolistas que, assim, empurravam para cima os limites desejados ou tolerados de retenção da capacidade ociosa da economia em geral, sancionando a superacumulação planejada de capital com crescente endividamento.<sup>37</sup> Como resultado dessa situação gestou-se uma profunda crise na economia americana que acaba se propagando para a economia mundial, como veremos a seguir.

### 3.2. A Grande Depressão dos Anos 30 e as Políticas Keynesianas

Ao craque da bolsa, seguiu-se a Grande Depressão dos anos 30 que se propagou em escala mundial. Porém, posteriormente, ela foi estancada em seu desenvolvimento - após uma breve reanimação em 1936 e nova recaída em 1937 - pela eclosão da II Guerra Mundial. Embora não se pretenda analisar esse período, é preciso ressaltar o fato de que as políticas econômicas de gastos estatais para estimular a demanda efetiva e reduzir o desemprego - implementadas pelo **NEW DEAL** nos EUA, à época de Roosevelt, e pelo rearmamento militar na Alemanha, à época de Hitler - aparecem como duas faces, embora sob condições sócio-políticas distintas, de uma mesma política macroeconômica básica que o capitalismo monopolista recorreu para assegurar a continuidade do processo de acumulação de capital nas condições de uma sociedade burguesa madura.<sup>38</sup>

Nas décadas posteriores à Grande depressão dos anos 30, houve o fortalecimento e a expansão do capitalismo monopolista de Estado, por quase todos os países avançados. A partir daí, a intervenção estatal, para enfrentar as grandes dificuldades de acumulação de capital, passou, como se sabe, a ser realizada à base das medidas de políticas keynesianas de gastos governamentais que tiveram o efeito de engendrar uma nova forma de compromisso social tácito entre os interesses da burguesia, voltados para uma adequada valorização do capital, e os interesses dos trabalhadores voltados para o pleno emprego sustentado por programas de bem-estar-social.

---

<sup>36</sup> Sobre a política econômica externa dos EUA nos anos 20, Ver Kindleberger, Charles P. **The World in Depression, 1929-1939**. Berkeley, University of Califórnia Press, 1973. p. 297-298.

<sup>37</sup> Ver a análise de Coutinho, Luciano G. Estado, Sistema Financeiro e Forma de Manifestação da Crise: 1929-1974. In: *Desenvolvimento Capitalista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 17-18 e 33-36. Ver, ainda, Aglieta, M. *Regulacion y Crisis del Capitalismo*. México, Siglo XXI, 1986. p. 309-323.

<sup>38</sup> Ver Bleaney, Michael. **The Rise and Fall of Keynesian Economics**. London, Macmillan, 1985. p. 40-51 e 65-72. Ver, ainda, Coutinho, Luciano Galvão. **Das Políticas de Recuperação à II Guerra Mundial**. Texto Mimeo, sd.



Mas, a essa altura, a economia americana - com uma indústria e uma agricultura competitiva e com uma moeda forte - estava predestinada a assumir um novo papel no contexto da economia mundial.

#### **4. A Hegemonia Norte-Americana e a Nova Ordem Internacional no Capitalismo Monopolista.**

##### **4. 1. Os Restritos Acordos de Bretton Woods e a Institucionalização da Hegemonia Americana**

Terminada a II Guerra Mundial, os EUA emergiram como a principal potência econômica mundial dada a colossal capacidade de produção da sua indústria e agricultura. Ademais, a sua primazia industrial se dá em cima dos parques industriais destruídos - durante a II Guerra - dos países capitalistas concorrentes. Esta superioridade industrial associada à montagem do padrão-dólar, a regularização do comércio internacional e a autonomia do petróleo vão garantir aos EUA as condições básicas à institucionalização definitiva da sua hegemonia.

Na verdade, desde o **New Deal**, o governo americano já desejava uma economia aberta, como um mínimo de barreiras ao comércio e aos fluxos financeiros. No entanto, apesar da singular cooperação entre Washington e Londres, nada aconteceu de concreto até **Bretton Woods**. Entre os objetivos dos acordos de Bretton Woods, o principal era proporcionar a economia mundial um clima monetário estável, com a substituição do padrão-ouro pelo padrão-dólar, a fim de facilitar um novo arranjo do comércio internacional. Para isso, **White e Keynes**, representando, respectivamente, os EUA e a Inglaterra, concordaram em criar duas instituições: o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (Banco Mundial), ambos sobre o controle direto dos EUA.<sup>39</sup>

A afirmação dessa hegemonia dos EUA, afora o seu poderio político-militar, foi conquistada pela montagem do sistema padrão-dólar e pela reorganização do comércio internacional via o rompimento das barreiras comerciais e do desmonte da hegemonia inglesa do sistema de preferência comercial. O estabelecimento do padrão-dólar, por seu turno, foi a condição para a reorganização do comércio internacional que estava dividido em zonas comerciais.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> Uma análise das estratégias e políticas financeiras do FMI e Banco Mundial, pode ser encontrado em Lichtensztein, Samuel & Baer, Monica. **Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial: Estratégias e Políticas do Poder Financeiro**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

<sup>40</sup> Ver sobre esse assunto os comentários de Magdoff, H. & Sweezy, P. M. **A Crise do Capitalismo Americano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. p. 161.

## 4. 2. A Fase de Auge da Hegemonia Americana

A política de reconstrução econômica da Europa, presente no Plano do Secretário de Estado Governo de Truman, George Marshall, implicou não só em carrear recursos do Banco Mundial, mas, também, num novo tratamento comercial e financeiro aos países europeus destruídos pela guerra.<sup>41</sup>

O resultado dessa política americana foi a retomada do crescimento econômico desses países e a recuperação do comércio europeu e mundial. Assim que o Plano Marshall foi acionado, o sistema monetário de Bretton Woods começou a operar com o dólar como moeda universal.<sup>42</sup>

O complexo sistema dólar-ouro mostrou-se superior ao padrão-ouro, inclusive pela facilidade de sua emissão. Até o final dos anos 50, o sistema monetário de Bretton Woods funcionou razoavelmente bem.<sup>43</sup> Os EUA, no entanto, expandiam a oferta de moeda internacional, para o resto do mundo, através de déficits crônicos no seu balanço de pagamentos.

Acontece que esses frequentes e elevados déficits, gestaram o "**dilema de Triffin**". Num sistema monetário ouro-dólar, evitar a saída de dólares para o resto do mundo significaria "escassez de dólar" e isso estrangularia o comércio internacional. Por outro lado, a se manter um fluxo positivo de dólares americanos para o exterior, através de déficits, criaria um "excesso de dólares" no exterior que acabava estimulando governos a demandar ouro com esses dólares.

Assim, a medida que o estoque de ouro do Tesouro dos EUA diminuía, isso ia reduzindo a confiança dos credores na capacidade dos EUA de honrar o lastro de dólar em ouro com os seus credores, levando, portanto, a uma profunda crise monetária internacional. Nos anos 60, essa situação continuou piorando com os estoques de ouro dos EUA minguando, enquanto aumentavam as reservas em dólar no exterior.

Com o tempo, o governo americano foi perdendo o controle sobre balanço de pagamentos por duas razões: (1) primeiro, porque, na metade dos 60, a Alemanha e o Japão reemergiram como fortes

---

<sup>41</sup> Havia forte resistência nos EUA, por parte de alguns bancos, para financiar a reconstrução da economia européia fora do complexo Banco Mundial-FMI. O que salvou o programa de recuperação do pós-guerra não foram os acordos de Bretton Woods, mas polarização entre a União Soviética e os EUA que acabou originando a política da "Guerra Fria". **O Plano Marshall**, neste sentido, foi apresentado como essencial para evitar a dominação comunista na Europa. Ver a esse respeito as importantes observações de Furtado, Celso. **A Hegemonia dos Estados Unidos E O Subdesenvolvimento Da América Latina**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. p. 21-33. Ver, ainda, Moffitt, Michael. op. cit. p. 26-27.

<sup>42</sup> Como se sabe, além do Plano Marshall, a "lei de empréstimos e arrendamentos" deu aos EUA poderes para vender, arrendar, emprestar e ceder material bélico aos países cuja defesa fosse considerada vital para os americanos. Ver Ohlweiler, Otto Alcides. **Economia Mundial**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988. p. 145.

<sup>43</sup> Mas, enquanto o padrão-dólar era celebrado pelo fim da escassez de dólares, Robert Triffin já advertia que o sucesso desse sistema monetário, sustentado por crônicos déficits no balanço de pagamento dos EUA, trazia consigo as sementes da sua destruição. Este economista justificava, o que ficou conhecido na literatura econômica como o "**Dilema de Triffin**", que os crescentes déficits americanos não poderiam continuar servindo como fonte de moeda internacional - enquanto os EUA não flexibilizasse a paridade ouro-dólar. Ver a esse respeito Triffin, Robert. **Gold and The Dollar Crisis**. New Haven, Yale University Press, 1969. Introdução e p. 162-191.

competidores econômicos e passaram a disputar com a indústria americana a supremacia do mercado mundial. (2) segundo, a guerra do Vietnã ampliou ainda mais o déficit americano.

Note-se que, no período imediatamente anterior, assistiu-se uma difusão generalizada da "lógica industrial" do regime de acumulação fordista americano em direção ao exterior.<sup>44</sup> Na esteira da expansão e multiplicação das filiais industriais norte-americanas, os bancos americanos seguiam atrás com o suporte financeiro. Esse regime de acumulação intensiva, centrado no consumo de massa e na imitação do padrão da "**American way of life**", pôde ser generalizado devido o novo **modo de regulação monopolista** ter incorporado - na determinação dos salários e lucros nominais - uma taxa de crescimento do consumo popular proporcional ao incremento de produtividade macroeconômica.<sup>45</sup>

A fonte desse modelo de desenvolvimento econômico era dado pela indústria americana que, neste período, exportava o mais avançado padrão industrial, tecnológico e de organização empresarial para os demais países capitalistas em reconstrução.

Os setores líderes dessa expansão industrial americana foram principalmente a indústria metal-mecânica - fabricante de bens de capital e bens de consumo duráveis, em particular automóveis - e a indústria química, com destaque a petroquímica.

A indústria de bens de capital, por seu turno, foi puxada pelo dinamismo dos setores químico, siderúrgico, transporte e de energia elétrica. Mais ainda, a modernização da agricultura, a substituição de produtos naturais por sintéticos, o intenso consumo de massas de bens duráveis e a própria vinculação das empresas líderes com o Estado - que acabava se traduzindo em investimentos estratégicos nas áreas de habitação, urbanização e militar - constituíram-se, sem dúvida, em forças produtivas importantes para explicar o crescimento econômico liderado pelos EUA nos anos 50.<sup>46</sup>

Como resultado desse crescimento econômico, acompanhado da elevação da produtividade em função do progresso técnico, ocorreu uma rápida expansão da demanda internacional por manufaturas que, ao lado da demanda interna, passou a crescer na frente da produção industrial. Constituíam-se, assim, um "**circulo virtuoso**" da riqueza, liderado pela indústria e acompanhado pela expansão do comércio internacional - resultante da vinculação dos ritmos de crescimento industrial dos países centrais com os dos países periféricos - que se manifestava por uma crescente elevação da

---

<sup>44</sup> Ver Fajnzylber, Fernando. **La Industrialización Trunca da América Latina**. México, Nueva Imagem, 1983. p. 19-30.

<sup>45</sup> Tendo em conta o nível de abstração teórico, aqui trabalhado, faz-se uso dos conceitos da Escola Francesa da Regulação. Não obstante, apesar da contribuição dessa escola pós-marxista, há que se fazer as devidas mediações teóricas quando se quiser fazer análises em outros níveis de historicidade. Sobre os conceitos aqui utilizados, recomendo a leitura de Lipietz, Alain. **Miragens e Milagres**. São Paulo, Nobel, 1988. cap. 1 e 2.

<sup>46</sup> Ver Fajnzylber, Fernando. op. cit. p. 31-34.

produtividade dos países centrais e por uma ativa participação comercial dos países periféricos no mercado mundial.<sup>47</sup>

Vejam, a seguir, os fatores determinantes do esgotamento do padrão industrial americano transplantado para os países Europeus, Japão e algumas economias da periferia.

## 5. A Crise da Hegemonia Econômica Norte-Americana e as Tendências da Globalização Mundial

### 5. 1. O Esgotamento do Padrão Industrial Norte-Americano

Em resposta à penetração das transnacionais americanas na Europa, as empresas européias intensificam o processo de internalização deslocando-se para os países periféricos. Com a rápida integração dos mercados nacionais a concorrência do setor de bens de capital se generalizou pelo mundo provocando uma intensa diversificação setorial e espacial que acabou se estendendo até os NICs.<sup>48</sup> Os bancos estrangeiros também responderam ao desafio americano imigrando para o território americano nos anos 70.<sup>49</sup>

Em compensação, gesta-se uma assimetria na dinâmica de crescimento dos diversos países capitalistas em função das diferenças no ritmo de crescimento da produtividade. Como resultado desse crescimento assimétrico dos países avançados, convergindo para um padrão industrial global, altera-se a composição de forças em escala mundial no "ranking" dos principais países avançados - com uma queda na participação dos EUA e a Inglaterra, compensada pela subida no "ranking" da posição do Japão, Alemanha e França - e começa a se perceber uma tendência a queda desse dinamismo econômico no final da década de 60.<sup>50</sup> A perda da concorrência dos EUA, para esses países reconstruídos depois da II Guerra Mundial, era demonstração cabal do envelhecimento tecnológico da estrutura industrial Norte-Americana.

As causas da desaceleração econômica dos EUA são múltiplas. Convém reter, no entanto, apenas aqueles aspectos essenciais do problema. Sinteticamente diríamos que, no plano político, a hegemonia americana tendeu a perder o seu poder quase absoluto de "tutor" do mundo capitalista, como uma consequência da evolução da tecnologia da indústria bélica de alguns países capitalistas e

---

<sup>47</sup> Ver Fajnzylber, Fernando. op. cit. p. 32-52. Ver, também, Teixeira, Aloísio. **O Movimento da Industrialização nas Economias Capitalistas Centrais no Pós-Guerra**. Rio de Janeiro, UFRJ/IEI, 1983. p. 102-111.

<sup>48</sup> Ver Fajnzylber, Fernando. op. cit. p. 53-82.

<sup>49</sup> O comportamento competitivo dos bancos acabou substituindo os banqueiros de "campo de golfe" por jovens e talentosos executivos que entendiam da necessidade de globalização dos bancos. A criação de mercado de dólar na City de Londres, vai dar origem aos mercados de eurodólares para os grandes banqueiros americanos na Europa. Ver Moffitt, Michael. op. cit. p. 54-58.

<sup>50</sup> Ver Celso, Furtado. A Crise da Economia Capitalista. **Revista de Economia Política**. 3(2), abril-junho/1983. p. 5-13. Ver, ainda, Teixeira, Aloísio. op. cit. p. 111-117.

da outrora URSS. No plano econômico, o dado de significação mais geral se refletiu na tendência da redução do ritmo de expansão da economia norte-americana, comparativamente as taxas de crescimento das demais economias industrializadas - que concorrem com os EUA no mercado internacional - em particular o Japão, Alemanha e Itália.<sup>51</sup>

Com isso os EUA foram perdendo posição relativa, em termos de participação na produção e exportação de certos bens industriais, em escala econômica mundial. De fato, pode-se dizer que estava em curso **o esgotamento generalizado do padrão de industrialização americano** - que em última análise consistiu na propagação aos demais países capitalistas de investimentos de capital de risco, financiamentos e empréstimos e também do próprio padrão americano de consumo - na medida em que as oportunidades de investimento vão minguando e os padrões de consumo desses países capitalistas, particularmente os da Europa Ocidental e o Japão, atingem níveis muito similares aos dos EUA.<sup>52</sup>

Há também o crítico esgotamento do padrão tecnológico dos setores líderes - indústrias química e mecânica - e um arrefecimento dos mecanismos de difusão desse padrão a nível internacional, cujo desdobramento engendra a emergência de rupturas industriais que se manifestam nas crises monetárias e energéticas da década de 70. Mas essa crise, além de econômica, é também financeira, pois se manifesta por uma ruptura do padrão monetário internacional, pela formação de um amplo sistema financeiro internacional, distanciado do controle dos bancos centrais, e pelo crescente grau de endividamento dos países do Terceiro Mundo, em particular os em vias de desenvolvimento.<sup>53</sup>

Como se vê, a crise da economia mundial resultante da exaustão do padrão de industrialização americano transplantado para o resto do mundo, além de revelar uma grave desaceleração econômica intimamente vinculada a crise do sistema monetário-financeiro internacional, prenunciava, a semelhança da crise do final do século XIX, um novo período de transição do capitalismo.

Nesse cenário mundial, embora os EUA se mantivessem como potência econômica e militar dominante, chegou-se mesmo a apontar tendências internacionais **policêntricas** com poucas chances dos EUA reafirmarem sua hegemonia no bloco dos países capitalistas.<sup>54</sup> Vejamos, a seguir, a reação dos EUA.

---

<sup>51</sup> Ver Fajnzylber, Fernando. op. cit. p. 83-88. Ver, também, Coutinho, Luciano. op. cit. p. 118-127.

<sup>52</sup> Ver análise de Teixeira, Aloísio. op. cit. p. 118-127.

<sup>53</sup> Idem. p. 180-181.

<sup>54</sup> Sobre esta questão, ver os pertinentes comentários de, Teixeira, Aloísio. op. cit. p. 180-181.

## 5.2. A Crise da Economia Norte-Americana e a Política da Diplomacia do Dólar Forte

Já no final do governo Carter, os EUA iriam mostrar ao mundo que não estavam dispostos a perder sua hegemonia impondo aos demais países capitalistas a política da "diplomacia do dólar forte".<sup>55</sup> Como se sabe, essa recuperação do padrão dólar e a violenta subida da taxa de juros mergulharam os EUA e a economia mundial numa aguda recessão, mas em compensação recuperou o poder imperial do dólar.<sup>56</sup> A política econômica do governo Reagan, que se seguiu a esses eventos, acabou possibilitando a recuperação da economia americana.

Isso foi possível porque o resto do mundo capitalista passou a financiar os déficits comercial e fiscal americano em troca da abertura do seu mercado interno para volumosas importações aos demais países capitalistas, em particular o Japão e a Alemanha.

Cabe ainda observar, entretanto, que a política macroeconômica de ajustamento imposta pelos EUA ao resto do mundo, além de agravar o endividamento externo das economias periféricas, forçou as economias avançadas a um ajustamento recessivo sincronizado com a política econômica dos EUA. Não resta dúvida, portanto, que os EUA, de 1979 a 1983, demonstram na prática "sua capacidade maléfica de exercer sua hegemonia e de ajustar todos os países, através da recessão, ao seu desideratum".<sup>57</sup>

Como se vê, a retomada da hegemonia econômica se fez com seus déficits comerciais e fiscais e a retomada do crescimento econômico contou com o apoio de seus parceiros exportadores, sobretudo o Japão e a Alemanha, a política de altas taxas de juros teve a solidariedade dos bancos, os contratos de joint-ventures dentro dos EUA ajudaram a recuperação de sua posição industrial e tecnológica como centro dominante; e, finalmente, a retomada do crescimento econômico ajudou a recuperação da economia mundial.<sup>58</sup>

Assim, crescendo e modernizando seletivamente a estrutura do seu parque industrial às custas do resto do mundo, graças a imposição de sua política macroeconômica de ajustamento, os EUA, na década de 80, não vão dar a menor chance para que os capitais do resto do mundo, em particular os

---

<sup>55</sup> O todo poderoso "Mr. Wonderful", Paul Volcker, presidente do FED no governo Jimmy Carter, ao adotar a política draconiana de elevar as taxas de juros e de valorização do dólar no mercado de câmbio, acabou forçando a recuperação do dólar americano, atraiu ativos financeiros para o mercado americano e eliminou a inflação, mas em compensação provocou uma abrupta queda do nível de atividade da economia dos EUA.

<sup>56</sup> Ver a esse respeito Tavares, Maria da Conceição. *A Crise Financeira Global*. **Revista de Economia Política**. 3(2), abril-junho/1983. p. 15-26.

<sup>57</sup> Idem. p. 8. Ver, também, Tavares, Maria da Conceição. *A Retomada da Hegemonia Norte-Americana*. Campinas, IE/UNICAMP, sd. p. 1-8. (Texto mimeo).

<sup>58</sup> Idem. p. 8-15.

dos países da periferia, pudessem retomar as suas taxas de crescimento econômico auto-sustentadas com a preferência dos investimentos em seus países de origem.<sup>59</sup>

Contudo, há que se observar o fato de que a crise do capitalismo monopolista, pelo menos na sua dimensão monetário-financeira, não fora ainda resolvida. Na verdade, a retomada do discreto crescimento econômico dos EUA, puxando a economia mundial, não esgotou as dificuldades que a economia norte-americana começou a enfrentar a partir da década de 80. Há, neste sentido, outros fatores agravantes<sup>60</sup>:

- (1) o déficit da balança comercial;
- (2) o déficit orçamentário;
- (3) as dívidas externas e interna;
- (4) o atraso da produtividade americana; e
- (5) uma tendência à redução dos salários dos trabalhadores em geral.

Neste ambiente, os agouros daqueles que apostavam que o retorno da tendência da crescente deterioração da economia mundial poderia conduzir a um novo craque financeiro e, eventualmente, a uma nova grande depressão, foram, pelo menos em parte, confirmados com o estouro da Bolsa de Nova Iorque, em 19 de outubro de 1987, e seus efeitos às demais bolsas do mundo. No entanto, a terapia ortodoxa de Mr. Volcker, de responder à queda do dólar com uma política monetária ativa, não pôde ser repetida em 1987.<sup>61</sup>

O FED, desta vez, fazendo uso de suas reservas, dos investimentos do Banco do Japão em títulos do Tesouro americano e dos depósitos de seguro dos seus clientes, tratou de evitar a falência do sistema bancário, que poderia levar a um colapso econômico, assumindo a posição de "emprestador em última instância".<sup>62</sup>

Depois do craque da Wall Street, em outubro de 1987, voltaram as especulações em torno do posterior desenrolar da crise econômica mundial no final do século XX. Na verdade, os partidários da teoria dos ciclos longos, dão, há tempos, o período que se segue à prosperidade capitalista do último pós-guerra como sendo o da quarta grande depressão, que, do mesmo modo como as outras, é entremeada de pequenos ciclos de crescimento e de recessão.

---

<sup>59</sup> idem. p. 15-16.

<sup>60</sup> Ver os interessantes comentários de Bitar, Sérgio. **La Desconcertante Recuperación de La hegemonia del Estados Unidos**. México, sd. p. 130-135. (Texto mimeo).

<sup>61</sup> Ver Bresser, Mario Ferreira & Miranda, Luis Alberto. A Crise nas Bolsas de Valores Internacionais e suas Prováveis consequências. **Texto Para Discussão. N. 2**, Campinas, IE/ UNICAMP, nov/1987. p. 3-13.

<sup>62</sup> Uma excelente análise dessa crise financeira dos EUA pode ser vista em Minsky, H. P. **Can't it Again ?** New Yorq, M. E. Sharpe, 1982.

Na realidade, como vimos, tanto a Grande Depressão do final do século XIX, quanto a Grande Depressão da década de 30, tem características distintas da crise atual desse final do século XX. <sup>63</sup>Há, portanto, que se proceder a uma análise concreta da situação econômica mundial. Neste sentido, cabe partir da constatação básica de que os EUA – dado ainda a sua posição relativa de potência dominante na economia mundial - converteram-se no epicentro dos desequilíbrios econômicos e das turbulências do sistema monetário internacional. <sup>64</sup>

Essa situação de economia americana decorreu, entre outros, dos seguintes problemas básicos: dívida externa, dívida interna, déficit orçamentário, déficit comercial e da tendência a cotação declinante do dólar com suas implicações imediatas com respeito aos déficits comercial e orçamentário dos EUA. Mais ainda, acentua-se a tendência para o rebaixamento das taxas de crescimento dos demais países capitalistas. Seria um exagero entender, de forma simplística, que a economia capitalista mundial se encontrava à baixa de um colapso econômico. Mas, também, não havia sinais no horizonte de uma reversão imediata para uma situação econômica melhor.

Certamente que a retomada do crescimento da economia mundial, com um novo e intenso período de acumulação de capital, requeria o estabelecimento de novas condições econômicas capazes de assegurar, por um longo tempo, a consecução de altas taxas de lucro, e, portanto, de novas e amplas oportunidades de investimentos produtivos promissores e substanciais.

Os meios diretos que os países capitalistas centrais puderam dispor para atingir esses objetivos foram: a redução dos custos privados e sociais do trabalho, uma nova e mais eficiente divisão internacional do trabalho em função da acumulação nas áreas privilegiadas do grande capital e, por fim, o desenvolvimento das forças produtivas na direção de um novo bloco de inovações tecnológicas.

A partir daí, assiste-se, realmente, ao lado do processo de esgotamento do arcaico padrão tecnológico da II revolução industrial - com base na indústria metal-mecânica - a gestação de um moderno e vigoroso padrão tecnológico da Terceira Revolução Industrial que passa a se concentrar, principalmente, nas áreas da microeletrônica e informática, da automação industrial, dos novos materiais, da mecânica fina e de precisão, das fibras óticas, bem como das futuras e promissoras biotecnologias, tecnologias dos supercondutores cerâmicos e da dominação da complexa técnica de geração de energia pela " **fusão nuclear a frio** " do hidrogênio. <sup>65</sup>

É certo que uma reestruturação industrial, com a introdução de novas tecnologias, pelo menos daquela já postas em prática no mercado internacional, sem dúvida é imprescindível a retomada do crescimento econômico.

---

<sup>63</sup> Ver os comentários de Belluzzo, L. G. de Mello. **O Senhor e o Unicórnio**. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 27-41. Ver, também, Ohlweilen, O. A. op. cit. p. 169.

<sup>64</sup> Ver Tavares, M. C. op. cit. p. 15-16.

<sup>65</sup> Ver Cano, Wilson. **Reestruturação Internacional e Repercussões Inter-Regionais nos Países Subdesenvolvidos: Reflexões sobre o caso brasileiro**. Campinas, IE/UNICAMP, 1989. p. 6-7.



Há que se considerar, contudo, que essas novas tecnologias que estão sendo implementadas, além dos efeitos sócio-econômicos que irão provocar, pois são poupadoras de trabalho não qualificado, de energia e de matérias-primas, vão implicar numa reformulação industrial profunda dada pela constituição de um novo padrão concorrencial e de uma nova gestão empresarial.<sup>66</sup>

Vejam, a seguir, a recuperação da hegemonia econômica Norte-Americana e novas as tendências de globalização da economia mundial com seus rebatimentos na economia brasileira.

## **6. A Recuperação da Hegemonia Americana e a Globalização da Economia Mundial**

### **6. 1. Globalização e Tendências da Nova Ordem Mundial**

Desde os anos 70, havia indícios de que o padrão monopolista da concorrência capitalista, em curso nos últimos anos, vinha passando por uma profunda concentração e reconcentração do capital sob as mais variadas formas de organização. A globalização da economia mundial, entendida como um novo processo de internacionalização do capital produtivo - que se manifesta em novas formas de organização da produção na qual uma fração do valor e da riqueza é produzida e distribuída pelo mundo através das redes privadas interligadas - e do financeiro articulado ao sistema monetário internacional.<sup>67</sup>

Na verdade, o processo de globalização financeira, que antecede a presente onda da transnacionalização produtiva, está ligada à crise do padrão monetário internacional dos anos 70. A globalização financeira da economia mundial, por parte dos grandes bancos, é o resultado da crise do dólar e da política da diplomacia do dólar forte e das políticas econômicas que se seguiram de liberalização e desregulação financeira iniciadas pela dupla Reagan-Tatcher.

De fato, o regime de flutuações cambiais e liberalização financeira, que prevaleceu depois da ruptura do padrão monetário internacional até 1893, forçou a onda da globalização dos grandes conglomerados financeiros e das Empresas Transnacionais (ET, s), particularmente das empresas e bancos japoneses na década de 80.

A globalização financeira, desta feita, se fez acompanhar de uma integração flexível, de uma produção comercializável, de tecnologia e de altos investimentos - tendo como paradigma o sistema em rede (**Network**) de relações cooperativas e alianças estratégicas intra-firmas - capazes de conduzir a formação de modernas estruturas de mercados concentrados e diferenciados, sem qualquer prejuízo do acirramento da rivalidade oligopólica.

---

<sup>66</sup> Ver Miranda, J. C. R. **Tendências Atuais da Reestruturação do Sistema Produtivo Internacional**. Campinas, IE/UNICAMP, 1987. (Texto mimeo).

<sup>67</sup> O entendimento da OCDE de globalização pode ser encontrado em OCDE. **Economics Studies**. 13, 1989.

No plano espacial, grande parte desse processo de globalização se deu na região geoeconômica do pacífico - incluindo a transnacionalização da Ásia e dos EUA, sob o comando dos grandes conglomerados americanos e japoneses - e na região geoeconômica do Atlântico, porém restrita aos países da CEE e sob uma liderança menos rígida dos bancos e empresas Transnacionais Alemães.

Este processo de globalização, cuja intensidade diminuiu nos anos 90, vem ocorrendo simultaneamente sob o duplo impacto de uma terceira revolução industrial e de um novo estágio de Transnacionalização do Capital. De fato, diferentemente do movimento do capital internacional da primeira e segunda revoluções industriais, o grau de abrangência da rivalidade e colusão concorrencial das empresas oligopolistas envolve todas as dimensões do circuito do capital industrial, desde a produção, passando pela comercial e financeira, até à tecnológica.<sup>68</sup>

Como contradência à **globalização mundial**, mais recentemente, está em curso o processo de **regionalização** com a formação de macro-mercados - com mecanismos de proteção comercial "ad hoc" que têm dificultado uma solução negociada no GATT - onde não só a posição econômica e as ligações comerciais de um País com o resto do mundo são importantes, mas também a sua assimetria de poder - a nível político, militar, financeiro e tecnológico - será decisiva para a institucionalização de uma nova "ordem mundial".<sup>69</sup>

As atuais tendências da macroeconomia mundial de conformação de uma nova divisão internacional do trabalho, estão se desenhando sob a ação de dois os movimentos: **a da Terceira Revolução Tecnológica e da Terceira Onda da Transnacionalização**.<sup>70</sup>

A economia japonesa tomou a dianteira do processo de globalização, ao desenvolver um novo sistema industrial, baseado na moderna tecnologia de ponta da informática, telemática e mecatrônica.

Esse novo padrão industrial - centrado num modelo sistêmico de competitividade a partir de regras de Controle de Qualidade Total - revolucionou as formas de organização do trabalho da produção manufatureira voltada para o consumo de massa em escala mundial e não mais restrita ao mercado interno. Os investimentos em setores e áreas estratégicas, sob a sua influência, abriram novos espaços aos seus parceiros asiáticos que passaram a conquistar novos mercados, em particular o Norte-

---

<sup>68</sup> Essa nova lógica da concorrência global, que envolve momentos cooperativos com rivalidades, traz, pela primeira vez na história do capitalismo mundial, os países asiáticos, em particular o Japão e os "Tigres Asiáticos", como ativos participantes do processo de globalização produtiva e financeira.

<sup>69</sup> Ver a esse respeito os pertinentes comentários de Tavares, Maria da Conceição. Tendências de Globalização, Crise do Estado Nacional E Seus Impactos Sobre o Brasil. **Cadernos ANGE: Textos Didáticos N. 6**. Rio de Janeiro, ANGE, 1993. p. 5.

<sup>70</sup> Ver os surpreendentes comentários sobre as possibilidades da terceira revolução tecnológica, sobre o futuro da civilização, em Toffler, Alvin. **A Terceira Onda: A Morte do Industrialismo e o Nascimento de Uma Nova Civilização**. Rio de Janeiro, Record, 1980.

Americano, com produtos indústrias de tecnologia avançada, porém já difundidos pelos próprios japoneses.

A globalização do Japão em direção ao exterior, além de contar com um moderno e poderoso parque industrial, contou com um estratégico sistema de empresas filiais industriais, comerciais e bancárias distribuídas por certas regiões geoeconômicas. Este novo modelo econômico, sem dúvida, não só se constituiu num embrião de um novo sistema industrial global, como passou a enfrentar o velho sistema industrial sob a hegemonia dos EUA.

A Alemanha, por possuir uma maior integração na Comunidade Econômica Européia(CEE), não precisou realizar um esforço tão radical de transformação estrutural do seu parque industrial, com fez o Japão, para enfrentar a nova realidade do mercado mundial. Ademais, estrategicamente, a Alemanha Ocidental não optou pelas indústrias eletrônica e de informática, pelo menos durante os anos 60 e 70, por considerá-los mercados disputados intensamente pelos japoneses e americanos.

Assim, a economia alemã limitou-se a acentuar ainda mais as suas vantagens econômicas e tecnológicas nos setores da indústria da mecânica de precisão e da química fina. De qualquer modo, a alta qualidade dos produtos do eficiente parque industrial alemão, juntamente com o poder financeiro dos seus bancos, tem assegurado a hegemonia econômica da Alemanha na Europa. A integração no mercado global, e não apenas no continente europeu, vem sendo perseguida pela Alemanha e França, principalmente, através de novos acordos "**joint-ventures**" com empresas americanas e japonesas rivais<sup>71</sup>.

Quanto ao setor financeiro, apesar do poder dos bancos alemães no continente europeu, os seus conglomerados internacionais ainda não são suficientemente fortes para eliminar a concorrência nos outros centros financeiros. Os problemas da integração regional se agravaram com a unificação das Alemanhas oriental e ocidental. No entanto, com o suicídio do modelo econômico do bloco soviético, vem aumentando o desejo explícito da periferia socialista européia de ingressar na economia de mercado.

No caso da economia Alemã, o pior já passou. Os sinais recentes de recuperação da sua economia, como resultado da ampliação do seu moderno parque industrial na ex-Alemanha oriental, não só reafirmam na Europa a liderança econômica da Alemanha - agora possuidora de amplo mercado interno - como a credencia nas disputas dos novos mercados a nível internacional.

A reestruturação industrial na Ásia, promovida pela Japão e EUA, teve desdobramentos competitivos e complementares com o surgimento dos NIC, s asiáticos, em particular a Coréia do Sul

---

<sup>71</sup> A CEE vem se esforçando no sentido de uma política de reestruturação industrial dos setores atrasados e com excesso de capacidade produtiva, - a exemplo da siderurgia e da indústria naval - promovendo alianças em tecnologias de ponta e tentando a unificação monetária da Europa. Mudanças no mercado de trabalho e novas políticas sociais, a partir de uma ampla reforma fiscal, vêm sendo tentadas, mas ainda não consenso em torno delas. Ver a esse respeito Tavares, Maria da Conceição. op. cit. p. 6-7.

e Taiwan. Mas, esses países asiáticos, de menor porte econômico, gravitam na órbita de influência japonesa, apesar da estratégica presença das filiais americanas. A integração da China ao mercado internacional, apesar da ausência de uma democracia política, vem sendo disputado pelos japoneses e americanos.

## 6. 2. A Crise Econômica Mundial e a Recuperação da Hegemonia Norte-Americana

Neste contexto, embora se reconheça a grande importância de um novo padrão tecnológico para abrir caminho a um novo ciclo econômico de acumulação de capital, há que se admitir que uma base tecnológica revolucionária, por si só, ainda assim não é capaz de determinar uma saída à atual crise estrutural do capitalismo contemporâneo.

Sem dúvida, um conjunto de inovações tecnológicas, para engendrar novas condições institucionais para a valorização do capital, precisa vir associada as amplas transformações estruturais de cunho sócio-econômico adequadas. A propósito dessa questão, cabe lembrar que, no caso da grande depressão do fim do século XIX, a recuperação da acumulação de capital foi realmente facilitada pela imposição de um novo padrão tecnológico caracterizado, principalmente, pela difusão generalizada dos motores elétricos e de combustão interna em todos os ramos da indústria.

Mas, provavelmente, mais decisiva foi a reformulação estrutural do capitalismo mediante a passagem da fase competitiva à monopolista. Mais adiante, com a grande depressão dos anos 30, encerrada com a II Guerra Mundial, uma nova reestruturação do capitalismo à base da fusão dos poderes dos monopólios e os do Estado - do que resultou o capitalismo monopolista de Estado - em associação com as políticas Keynesianas, foi a solução encontrada para a retomada da expansão capitalista. Há que se advertir, ainda, que as tecnologias de maior impacto econômico - biotecnologia, supercondutores cerâmicos e a da fusão á frio do hidrogênio - não estarão sendo aplicadas produtivamente antes de três a cinco décadas.<sup>72</sup>

Como se vê, a retomada acumulação de capital tornou-se um problema de dimensão mundial, o que significa que a questão da hegemonia no plano internacional é, agora, muito mais crítica do que apenas para a sustentação do capitalismo. Há quem observe que, a semelhança do que aconteceu no passado - quando as duas grandes crises do final do século XIX e da década de 30 começaram e terminaram de vez com a hegemonia da Inglaterra - assiste-se na atual grande crise do capitalismo, que já se estende desde o final da década de 60, uma crescente tendência a decadência da hegemonia norte-americana.

---

<sup>72</sup> Ver Cano, Wilson. op. cit. p. 7-8.

Se é verdade que as grandes crises prenunciam o final de uma época, isso apenas reflete um drástico deslocamento do poder no âmbito do mercado mundial. Visto desta maneira, a "pax americana", entendida no sentido global de uma **hegemonia econômica, tecnológica política e militar do EUA**, teria os seus dias contados. O problema crucial é que, tendo em vista a crise atual e a possibilidade de uma próxima recuperação capitalista, não há, pelo menos no momento, nenhum outro Estado Nacional em condições de ocupar a posição dos EUA.<sup>73</sup>

De fato, embora o Japão tenha conquistado uma posição de destaque no plano econômico e financeiro, ainda é frágil sua capacidade de controle do mercado de matérias-primas, em particular o petróleo, e do padrão monetário internacional.

Como se sabe, a recente retomada da hegemonia americana, pela via de uma drástica política econômica recessiva ao resto do mundo, acabou transformando os EUA numa economia cêntrica e não apenas dominante economicamente. De fato, as recentes mudanças na estrutura econômica mundial - conformando uma economia global com um alto nível de interdependência - têm permitido que os EUA se coloquem numa posição relativamente vantajosa no contexto internacional.<sup>74</sup>

Certamente que os fortes laços econômicos, financeiros e comerciais entre os EUA e os demais países capitalistas, em particular com o Japão e a Alemanha, têm conferido aos americanos um maior poder de negociação com seus parceiros. Com relação ao Japão, apesar do confronto comercial e do potencial da indústria japonesa, tem havido um acomodamento entre as partes.

Assim, o interesse dos EUA de reforçar a "Base do Pacífico", apesar do peso relativo do Japão no sudeste asiático, tem multiplicado as relações econômicas, financeiras e comerciais com o Japão e os NICs asiáticos.<sup>75</sup>

Para os EUA, o déficit comercial com o Japão, em particular nos anos 70 e 80, gestou, como contrapartida, um intenso fluxo financeiro de investimento em direção os EUA que acabou ajudando a economia americana a sustentar o seu déficit comercial e a restaurar e modernizar o seu parque industrial.

Para o Japão, por outro lado, o mercado americano continua sendo fundamental para as exportações e a colocação de seus excedentes financeiros. Contudo, o Japão encontra-se duplamente subordinado a política americana, não só porque depende do amplo mercado dos EUA para o crescimento de sua economia, como porque a sua segurança nacional, em caso de conflito, ainda está à mercê do poderio militar americano. Com relação a Europa tem se verificado uma redução da importância das suas relações econômicas internacionais.

---

<sup>73</sup> Sobre as dificuldades de uma reestruturação do Mercado Mundial e do Capital Industrial Internacional, ver Mandel, Ernest. **A CRISE DO CAPITAL: Os fatos e sua interpretação marxista**. Campinas, UNICAMP/ENSAIO, 1990. P. 197-207.

<sup>74</sup> Ver Furtado, Celso. A Crise Econômica Contemporânea. **Revista de Economia Política**. 8(1), jan-mar/1987.

<sup>75</sup> Ver Tavares, M. C. op. cit. p. 19-21.

Ademais, a lenta recuperação da economia europeia, o seu elevado nível de desemprego e a chamada "esclerose europeia", sem dúvida, têm contribuído para enfraquecer a posição dos países europeus.<sup>76</sup>

Na década de 80, alguns economistas acreditavam que o relativo atraso do parque industrial norte-americano, além das grandes dificuldades internas de regulação por parte do Estado das suas políticas macroeconômicas (monetárias e fiscais) e setoriais (agrícolas e industriais), estariam conduzindo os EUA a perda da sua Hegemonia. Supunha-se que os EUA estariam se transformando de **centro mundial**, capaz de influenciar a economia mundial, num simples **centro regional** restrito ao **NAFTA** - com a integração do Canadá e México - servindo de base para uma terceira área de integração capitalista regional com sua periferia Sul-Americana.

Enganaram-se todos que assim pensavam. De fato, o destino da economia mundial, e da própria economia Norte-Americana, vem residindo numa estratégica "**Transnacionalização Endógena**" do capital americano e internacional para dentro do território do próprio EUA. Com efeito, num movimento de capitais inverso ao ocorrido após a II Guerra Mundial, os capitais de todo mundo, em particular do Japão e da Europa, que estão migrando para os EUA - num período relativamente curto e em montantes altamente significativos - acabam influenciando na reestruturação industrial da economia norte-americana.<sup>77</sup>

Ademais, o elevado volume de estoque de capital, resultante do longo processo de "**Transnacionalização Exógena**" do capital para fora dos EUA, sob o comando das filiais e bancos americanos, vem conseguindo manter o dólar, pelo menos até agora, em seu papel de moeda universal mesmo na Ásia, onde o Japão ainda não conseguiu impor o seu padrão-ien. Por outro lado, a possibilidade de ruptura do padrão-dólar, além de não interessar a rede do comércio internacional, poria em risco o processo de globalização do sistema financeiro internacional.

Os EUA, além disso, dispõem de um potencial científico e militar capaz de continuar influenciando no processo de globalização. A estratégia de manter a interdependência da OCDE e avançar na direção de uma integração global - entre as economias do Atlântico Norte e do Pacífico - é o que mais interessa aos EUA, como potência ainda dominante.

Mantidas as tendências atuais de globalização, "é pouco provável que os EUA mantenham seu relativo atraso industrial, como parece ser o sonho de certas elites europeias e japonesas, uma vez que, contraditoriamente, são suas próprias empresas transnacionais que estão ajudando a desenvolver "por

---

<sup>76</sup> idem. p. 22-24.

<sup>77</sup> As formas de investimento de risco de filiais estrangeiras nos EUA ocorrem isoladamente ou joint-ventures com as grandes e pequenas empresas americanas. Segundo Maria da Conceição Tavares, os investimentos diretos nos EUA alcançaram, só em 1988, o montante de US\$ 330 bilhões. No entanto, a partir de 1989, nota-se uma retração dos investimentos diretos japoneses e europeus nos EUA. Ver Tavares, M. C. op. cit. p. 8.

dentro" a indústria americana, contribuindo para o incremento[macroeconômico]da produtividade que vem se acelerando nos últimos anos"<sup>78</sup>.

Na verdade, os problemas da "decadência Norte-Americana" são de outra natureza, já que se referem muito mais ao esgotamento parcial dos seus sistemas sociais - de saúde, previdência e educação - e políticos de representação de uma sociedade de massas, heterogênea e multirracial.

No plano geopolítico, o fim do império militar soviético, sem custos para os EUA, só serviu para reafirmar a hegemonia norte-americana. Mas, em compensação, ampliou as responsabilidades estratégicas dos EUA e de sustentação financeira e política da "**Pax Americana**" para resolver os conflitos localizados das velhas ordens imperiais. Na verdade, são as mesmas contradições clássicas - entre as responsabilidades excessivas de "Império" e de administração do seu espaço político nacional - que podem contribuir para a "decadência americana" e não as suas possíveis "debilidades" econômicas para assumir o papel de nação Hegemônica.

### 6. 3 A Posição da Periferia numa Possível Ordem Mundial e o Caso do Brasil.

Quanto a posição dos EUA em relação à América Latina, esta não vem merecendo um tratamento mais digno pelo fato dos países latino-americanos se concentrarem numa posição defensiva de devedores. Certamente que, neste contexto, a possibilidade dos EUA de manterem o seu poder hegemônico, profundamente abalado neste final do século XX, vai depender da própria conformação que vai assumindo o sistema econômico internacional e da própria capacidade dos EUA de resolverem alguns dos seus problemas estruturais.

Assim, para que a hegemonia dos EUA perca não só pela força, mas fundamentalmente pelo consenso das partes envolvidas, é preciso que os EUA ampliem a participação dos demais países centrais nas decisões globais sem deixar de contemplar os interesses dos países periféricos, em particular daqueles semi-industrializados.

No anos 80, o fim do "império soviético" levou a que se fizessem comparações entre a periferia formada pelos países da Europa Oriental e os da América do Sul. A periferia socialista poderia ser atraída para o espaço da integração européia, como países satélites, ou gravitarem sobre o espaço da ex-URSS com grandes dificuldades econômicas. Quanto aos países do continente africano, a grande maioria deles está fora dessa "nova ordem internacional".<sup>79</sup>

No caso da América do Sul, afastada a possibilidade de uma integração regional com os EUA - pela falta de recursos do governo americano em face da crise interna - resta ainda o esforço de uma integração parcial com o **NAFTA** ou uma integração de alguns poucos países no **MERCOSUL** ou,

---

<sup>78</sup> Tavares, M. C. op. cit. p. 9.

<sup>79</sup> Em matéria de interesses, com exceção da África do Sul industrializada e dos países do Norte da África, pela posição estratégica do petróleo, os demais não têm nenhuma chance.

ainda, a busca individual de "nichos de mercados" e de relações particulares com países com excedentes de capitais e mercados complementares.

Como se sabe, o Brasil é um dos países que possui uma das economias mais transnacionalizadas do mundo. Com efeito, sua inserção econômica no plano internacional, em termos comerciais e de investimentos de risco do capital estrangeiro, acompanha o movimento dos capitais transnacionais, com ligeiro viés em favor dos EUA. No entanto, os problemas da dívida externa, e da longa instabilidade interna, vêm adiando a participação do Brasil na onda da transnacionalização globalizada.

Como se sabe, a presente estrutura da indústria brasileira, criada a partir dos anos 50, é dominada no seu segmento metal-mecânico-eletrônico pelas filiais mais relevantes das grandes empresas transnacionais que, junto com as mega-empresas estatais, arrastam consigo a expansão das empresas privadas nacionais.

Mais recentemente, entretanto, a estratégia de modernização da estrutura técnica dessas empresas - via robotização de certas seções da linha de montagem, uso de computadores no planejamento de "designs" de novos produtos, controle de qualidade total, uso do "**just-time**" e controle de qualidade de estoques dos fornecedores - estão melhorando a capacidade competitiva dessa indústria. No entanto, mesmo assim, as estratégias competitivas de reestruturação micro-econômica das ET, s, no Brasil, tem sido mais defensiva, face a ameaça de liberação do mercado nacional as suas rivais, do que embarcar numa agressiva onda regional globalizante.

Na década de 70, o Brasil, para completar o seu parque industrial nos setores da indústria de bens de capital e da química pesada, acabou se inserindo no mercado financeiro internacional através de um forte endividamento. As dificuldades de pagamento dos encargos da dívida externa, particularmente entre 1980/1986, levou os banqueiros internacionais a "congelar" novos os fluxos financeiros para o Brasil. A partir da política de liberação financeira, entre 1990/1992, o País voltou a ter acesso aos fluxos financeiros internacionais, todavia, orientados para o financiamento das exportações, bolsa de valores e fundos de pensão.<sup>80</sup>

De qualquer maneira, embora a dimensão continental do Brasil, sua estratégica posição geográfica, seus recursos naturais, sua estrutura industrial verticalizada, o potencial de sua moderna agricultura e o tipo de sua inserção internacional possam ser considerados dados importantes para uma integração macro-regional, ainda assim estes fatores, por si sós, não tornam o Brasil um candidato suficientemente credenciado a ingressar na globalização regionalizada com parceiro num mercado como o **NAFTA** - já que os países do **MERCOSUL** ainda não têm dimensão econômica e financeira para entrar no "jogo pesado" do sistema industrial e financeiro global.

---

<sup>80</sup> Ver Tavares, M. C. op. cit. p. 13.



No entanto, isso não significa que o Brasil, desde que disponha de um novo **Projeto Nacional** de desenvolvimento e tenha sua economia definitivamente estabilizada, não possa manter a sua liderança no **MERCOSUL** e ainda busque se integrar como um novo parceiro, pelo menos parcialmente, no bloco dos países do NAFTA como deseja o novo **Presidente Fernando Henrique Cardoso**.

É verdade que a transnacionalização das empresas brasileiras, segue uma trajetória ainda muito tímida se fixando em Portugal, EUA e América Latina e em alguns países africanos. Até bem pouco tempo, porém, as empresas privadas nacionais com possibilidade de avançar na internacionalização do capital pertenciam aos grupos das grandes empreiteiras construtoras de estradas e usinas hidrelétricas ou a super-mercados. Além destas, o processo de transnacionalização do capital para fora foram levadas adiante pelas grandes empresas estatais dos setores de petróleo e telecomunicações.

Na realidade, apesar das vantagens dadas pela diversificação da estrutura da indústria nacional, há vários problemas sociais e políticos a resolver. Mais ainda, somente um novo acordo nacional, sob o comando de uma nova elite dirigente, será capaz de encaminhar os projetos nacionais estruturantes - a exemplo das amplas e necessárias reformas dos sistemas tributário-fiscal, patrimonial, monetário-financeiro e administrativo do Estado - capazes de restabelecer as condições institucionais para a retomada do crescimento econômico em outras bases.<sup>81</sup>

## 7. Conclusões

Não há dúvida, como vimos, de que o recente esforço para recuperar a hegemonia dos EUA se fez, sobretudo, através da retomada do controle do sistema financeiro internacional. Posteriormente, a capacidade de coordenar esse sistema foi facilitado pela recuperação da economia dos EUA, pelo fortalecimento do dólar e pela confiança que o mercado americano passou a oferecer ante os riscos econômicos, políticos e militares da crise. Entretanto, desde 1985, a recuperação econômica dos EUA vem perdendo muito do seu dinamismo inicial. Mais ainda, devido os fortes desequilíbrios fiscal e

---

<sup>81</sup> Sobre este assunto, como observa Tavares, M. C. op. cit. p. 14-15, "o conflito e as alianças democráticas não parecem ter se desenvolvido o suficiente para a pactuação explícita ou implícita de um novo Projeto Nacional, mas existem fundadas esperanças de que é possível avançar, já que novos atores até recentemente subordinados e poucos ativos, tem vindo em franco movimento. Ademais, não há mais espaço para rupturas democráticas, como no passado, e nem para projetos neo-liberais a la Collor. Portanto, a agenda para a reforma do Estado continua um questão em aberto e é sobre ela que girará o debate dos problemas ligados a retomada do crescimento econômico(emprego) e da distribuição da renda.

comercial, a instabilidade da economia americana não suportaria uma correção gradual desses déficits(the self-landing)<sup>82</sup>.

Havia ainda o cenário do "**crash-landing**" que poderia ser provocado, como resultado do excessivo endividamento dos EUA e da recente desaceleração de seu crescimento econômico, caso se fizesse uma desvalorização muito brusca do dólar, o que provavelmente, levaria a uma perda de confiança de seus parceiros com a consequente fuga de capitais e o agravamento do Balanço de Pagamentos <sup>83</sup>. Nesse caso se poderia imaginar outra vez a resposta do FED, pondo em prática a política de diplomacia do dólar forte, com seus perversos desdobramentos sócio-econômicos para recuperar a economia americana e mundial.

Como se vê, na realidade, a questão da hegemonia dos EUA não está apenas na tentativa, por parte desse país, de recuperar a sua competitividade com o exterior no curto prazo, o que, sem dúvida, seria nocivo à economia mundial, mas sim no destino que terá, no longo prazo, a sua estrutura industrial e comercial, inclusive de suas filiais industriais e bancárias no exterior<sup>84</sup>.

É certo que os problemas de reorganização industrial dos EUA não passam apenas pela modernização da indústria de ponta, mas também, tal como ocorreu com a Inglaterra no passado, pela depreciação acelerada da sua envelhecida indústria tradicional e pela reestruturação de seus serviços de infraestrutura e de utilidade pública - o que sem dúvida alguma é praticamente impossível de ser realizado sob elevadas taxas de juros e de endividamento <sup>85</sup>.

Há quem pondere que, sem uma desvalorização gradual das dívidas externa e interna dos EUA, capaz de estabilizar os mercados de crédito de longo prazo e recompor o mercado de capitais a nível internacional, não há possibilidade de retomada dos investimentos para os setores básicos de capital social fixo e da indústria tradicional. <sup>86</sup>Há fortes sinais, contudo, de uma "reação oligopolista" operando agora uma reconcentração profunda do capital no próprio EUA. Os resultados dessa transnacionalização para dentro dos EUA, inclusive com a participação de capitais estrangeiros, têm se manifestado, pelo menos nos últimos anos, pela retomada gradual do crescimento da economia.

Por fim, resta concluir dizendo que a retomada da hegemonia dos EUA, em outras bases institucionais, vai depender não só da capacidade desse País de transformar-se definitivamente numa economia cêntrica - capaz de redesenhar uma nova geografia econômica e geopolítica que leve em conta as "estratégias dos blocos" da grande área do pacífico, do mercado comum europeu, do ex-bloco socialista e dos países de industrialização tardia - mas também dos históricos parceiros capitalistas dos

---

<sup>82</sup> Ver Bitar, Sérgio. op. cit. p. 136-139. Ver, ainda, Tavares. M. C. **A Retomada da Hegemonia Americana**. op. cit. p. 19.

<sup>83</sup> Ver Tavares, M. C. **A Retomada da Hegemonia Americana**. REP. op. cit. p. 10-12.

<sup>84</sup> Ver Tavares, M. C. **A Retomada da Hegemonia Americana**. (Texto mimeo). op. cit. p. 26-27.

<sup>85</sup> idem. p. 27-28.

<sup>86</sup> idem. p. 28-29.

países centrais e periféricos em aceitarem, sob o comando dos EUA, as novas tarefas da nova ordem internacional.

## Referências

- AGLIETA, M. (1986). *Regulacion y Crisis del Capitalismo*. México, Siglo XXI.
- BLEANEY, Michael. (1985). *The Rise and Fall of Keynesian Economics*. London, Macmillan.
- BITAR, Sérgio. *La Desconcertante Recuperación de La hegemonia del Estados Unidos*. México, sd. (Texto mimeo).
- BRESSER, Mario Ferreira & Miranda, Luis Alberto. (1987). *A Crise nas Bolsas de Valores Internacionais e suas Prováveis Consequências*. Texto Para Discussão. N. 2, Campinas, IE/UNICAMP.
- BELLUZZO, L. G. de Mello. (1984). *O Senhor e o Unicórnio*. São Paulo, Brasiliense.
- COUTINHO, Luciano G. (1982). *Estado, Sistema Financeiro e Forma de Manifestação da Crise:1929-1974*. In:Desenvolvimento Capitalista no Brasil. São Paulo, Brasiliense.
- CANO, Wilson. (1981). *As Raízes da Concentração Industrial de São Paulo*. São Paulo, T. Q. Queiroz.
- CANO, Wilson. (1989). *Reestruturação Internacional e Repercussões Inter-Regionais nos Países Subdesenvolvidos:Reflexões sobre o caso brasileiro*. Campinas, IE/UNICAMP.
- COUTINHO, Luciano Galvão. *Das Políticas de Recuperação à II Guerra Mundial*. Texto Mimeo, sd.
- DOBB, Maurice. (1976). *A Evolução do Capitalismo*. Rio de Janeiro, Zahar.
- FURTADO, Celso. (1978). *A Hegemonia dos Estados Unidos E O Subdesenvolvimento Da América Latina*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- FURTADO, Celso. (1983). *A Crise da Economia Capitalista*. Revista de Economia Política. 3(2).
- FURTADO, Celso. (1987). *A Crise Econômica Contemporânea*. Revista de Economia Política. 8(1), jan-mar.
- FANO, Ester. (1981). "Los Países Capitalistas, Desde La Guerra Mundial Hasta La Crisis de 1929". In:Teló, M. et alli. *La Crisis del Capitalismo em Los anos 20*. México, P & P.
- FAJNZYLBBER, Fernando. (1983). *La Industrialização Trunca da América Latina*. México, Nueva Imagem.
- GALBRAITH, John Keneth. (1988). *O Colapso da Bolsa*. São Paulo, Pioneira.
- HOBBSAWM, Eric(1979). *A Era das Revoluções:1789-1848*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HOBBSAWM, Eric J. (1979). *A Era do Capital:1848-1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HOBBSAWM, Eric. (1978). *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro, Forense-Universitário.
- HILFERDING, Rudolf. (1985). *O Capitalismo Financeiro*. São Paulo, Nova Cultura.
- KINDLEBERGER, Charles. P. (1985). *La Crisis Económica:1929-1934*. Barcelona, Crítica.
- KINDLEBERGER, Charles P. (1973). *The World in Depressão, 1929-1939*. Berkeley, University of Califórnia Press.
- LICHTENSSZTEJN, Samuel & Baer, Monica. (1987). *Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial:Estratégias e Políticas do Poder Financeiro*. São Paulo, Brasiliense.
- LANDES, David S. (1979). *Progreso Tecnológico Y Revolución Industrial*. Madrid, Tecnos.
- LANDES, David S. (1975). *The Unbound Prometheus*. Londres.
- LENIN V. I. (1979). *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. In: Obras Escolhidas. São Paulo, Alfa-Omega.
- LIPIETZ, Alain. (1988). *Miragens e Milagres*. São Paulo, Nobel.

- MARX, Karl. (1980). *O Capital (Crítica a Economia Política)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- MANDEL, Ernest. (1990). *a crise do capital:os fatos e sua interpretação marxista*. Campinas, UNICAMP/ENSAIO.
- MELLO, J M. Cardoso. (1982). *Capitalismo Tardio*. São Paulo, Brasiliense.
- MOFFIT, Michael. (1984). *O Dinheiro do Mundo"De Bretton Woods à Beira da Insolvência*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- MINSKY, H. P. (1982). *Can't it Again ?* New Yorq, M. E. Sharpe.
- MAGDOFF, H. & Sweezy, P. M. (1982). *A Crise do Capitalismo Americano*. Rio de Janeiro, Zahar.
- MIRANDA, J. C. R. (1987). *Tendências Atuais da Reestruturação do Sistema Produtivo Internacional*. Campinas, IE/UNICAMP. (Texto mimeo).
- OLIVEIRA, Carlos Alonso Barbosa de. (1985). *O Processo de Industrialização:Do Capitalismo Originário ao Atrasado*. Campinas, IE/UNICAMP.
- OHLWEILER, Otto Alcides. (1988). *Economia Mundial*. Porto Alegre, Mercado Aberto.
- OCDE. (1989). *Economics Sudies*. 13.
- ROLL, Eric. (1971). *International Capital Movements:Past, present, future*. (mimeo).
- TRIFFIN, Robert. *Gold and The Dollar Crisis*. (1969). New Halen, Yale University Press.
- TEIXEIRA, Aloisio. (1983). *O Movimento da Industrialização nas Economias Capitalistas Centrais no IIPós-Guerra*. Rio de Janeiro, IEL/ UFRJ.
- TAVARES, Maria da Conceição. (1985). *A Crise Financeira Global*. Revista de Economia Política. 3(2), abril-junho.
- TAVARES, Maria da Conceição. *A Retomada da Hegemonia Norte-Americana*. Campinas, IE/UNICAMP. (Texto mimeo).
- TAVARES, Maria da Conceição. (1993). *Tendências de Globalização, Crise do Estado Nacional E Seus Impactos Sobre o Brasil*. Cadernos ANGE: Textos Didáticos N. 6. Rio de Janeiro, ANGE.
- TOFFLER, Alvin. (1980). *A Terceira Onda:A Morte do Industrialismo e o Nascimento de Uma Nova Civilização*. Rio de Janeiro, Record.